



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

9 DE NOVEMBRO  
ANO XX — N.º 513 — Preço 1\$

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## A OBRA DA RUA em Angola



COMO passaritos que se desprendem a primeira vez do ninho que os viu nascer e se fazem ao largo, foi assim que Paço de Sousa nos viu partir. Como eles, confiando sempre na presença dos pais que não perdem nunca de vista os filhos na aventura do primeiro voo, assim nos despedimos dos que ficavam.

Poisámos na Ericeira, às portas de Lisboa, bem junto do mar. Viemos em busca de alimento. Retemperámos as forças com um dia de retiro, no meio do silêncio, apenas quebrado pelo marulhar das ondas que rebentavam contra os rochedos da praia lá em baixo.

A sós com Deus, longe do barulho do mundo, cada um de nós (somos 25) se deixou encher, bem até cima, da Graça, Força dos fracos.

É que o caminho a percorrer é longo. E não podemos correr o risco de chegar ao fim da viagem vazios; nós que vamos para dar e encher. Por este motivo nos viemos abastecer durante um dia completo de retiro espiritual.

Estou a escrever estas linhas no meio deles, no meio do seu silêncio. Estamos confiantes. Estamos felizes.

Sentimos ainda o efeito do calor da hora da despedida da casa paterna. Quanto bem nos fizeram as palavras que nos dissestes na última ceia em comum; e as lágrimas que deixastes cair quando nos abraçastes! E quanto bem vos terão feito também!

Essa hora grande foi um testemunho vivo de que os laços que nos unem são laços de família.

Sabeis que neste momento uma preocupação nos domina: merecer a confiança em nós depositada.

Nos despedimos também dos amigos que nos acompanham com igual solicitude.

Padre Manuel António

**N**ÃO me contive e chorei. As lágrimas dos nossos batatinhas, na despedida, entalaram-me — e elas brotaram como bugalhos. Amor... Saudade...

«Eu não queria chorar mas vi os meus irmãos chorar...» disse o Casaca. A mim foi o mesmo. Comunhão... «Ide».

Que peso! Que todos nós — os que vamos e os que ficam — o sintamos.

A Obra da Rua vai começar em África! Que Deus afaste de nossos corações a veleidade e pretensão de «fundadores». Somos os carris ferrujentos que o Senhor pode ou não aproveitar.

Vamos para estar disponíveis, para ficar à mão.

Vamos para dar testemunho — amando.

Que cada um de nós se esforce por amar a todos totalmente: sem olhar ao resultado; sem medir; nunca parcelando o nosso amor pela cor da pele, pela categoria, pela moralidade e, muito menos, pela nossa medida.

O amor total reclama disponibilidade total.

Que Pai Américo nos ajude.

PADRE TELMO

## O LAR DO PORTO

Como fora dito, reinaugurámo-lo no dia aniversário de Pai Américo.

Não sei como foi a inauguração, vai para vinte anos. A festa, desta vez, foi singela como são as nossas festas. Ao meio-dia (Era dia de trabalho!) juntaram-se os nossos rapazes e uns poucos Amigos, habituados à comunhão íntima das nossas horas tristes e alegres. Estávamos os oito «padres da rua». Estava o Júlio. Júlio está na base deste, que foi o primeiro Lar do Gaiato, e assim de todos os outros. Júlio viera de Miranda

para Paço de Sousa em uma das primeiras levadas. Pequeno, mas vivo, depressa conquistou a confiança de Pai Américo, e, graças a Deus, nunca a desmereceu de ninguém. Júlio queria estudar. Ansioso de de saber, lia, perguntava, conversava assuntos elevados. Eu conheci-o (era também estudante), justamente naquele Lar, o primeiro tecto da Obra que me deu abrigo. Eu ia por lá e gostava de ir e de parar, posto me sentisse menos informado sobre as questões que Júlio levantava.

Pois Júlio quis estudar. Em

Cont. na TERCEIRA página

A rejuvenescida  
face do Lar do  
Porto



Chamam-me e vou. O carro dá voltas e reviravoltas, estrada fora. À esquerda, barrento e turbulento, o Douro faz outro tanto a caminho da Foz. Estamos em Avintes. Pedimos ao Pároco que nos indique o local. Ele guia-nos e eis-nos em pleno pinhal, onde euca liptos também gostam de se espreguiçar. Frente a nós, isolado de convívio humano, barraca modesta. Entramos. A um canto, tabuleiro de madeira, poisado em dois bancos suporta colchão velho. E neste, por sua vez, enferma paralizada, coberta com uma manta

Olho em torno e dou apenas com um mocho de pau, neste compartimento térreo. Mais nada. Nada onde os olhos caíam por momentos em distração ou conforto. Chão vazio. Paredes vazias. E lá fora o pinhal.

— Quem lhe traz de comer?  
— É uma senhora.  
— E vive sózinha neste deserto?

— Só. Que remédio... Não tenho ninguém. Estive no hospital, mas mandaram-me embora. Práqui estou vai em sete semanas, como um bicho.

Será cruel comentar. É ferir muita gente. Muito boa gente. Isto não é pecado de um só, nem de dois. É de todos nós. Nós é que pecamos. Pecamos por omissão. E, porque contrapomos, ao que devíamos fazer, o que

Cont. na TERCEIRA página

# LIVROS

«Todos sabem que a instrução primária é obrigatória. Para os ricos e para os Pobres. Todos o sabem e todos compreendem que assim deve ser. O que talvez não compreendam é que nesta altura do ano nos venham repetidas vezes bater à porta a pedir livros. Livros para os filhos de desempregados inscritos no Secretariado. Livros para miuditos que às vezes passam fome. Livros que os pais não podem pagar.

Afirmam eles que na es-

cola não lhes dão livros. E isto é que não podemos compreender. Como hão-de eles comprar livros se não têm dinheiro?

Assim vimos mais uma vez pedir. Pedir livros únicos para a instrução primária ou outros livros escolares que estejam arrumados e inúteis em vossa casa. E se os não tiverdes pediamos então uns escudos para o Secretariado os comprar. Não é um dinheiro bem aplicado?»

(Da Circular do Secretariado de Acção Social das Conferências Vicentinas).

Cá por casa acontece tal qual. Várias vezes temos desabafado o mesmo com os nossos botões.

Por isso aí vai a transcrição sem tirar nem pôr...

# Correspondência de Família

Como a Família tem crescido! Não é o número que nos entusiasma. Mas os frutos sazonados que Deus nos tem dado colher.

Vários rapazes saíram ultimamente deste Lar materno para o seu. Hoje, dois dão-nos notícia das suas primeiras impressões de casados. Outro explode a sua alegria pelo nascimento do seu primeiro filho. Outro, que teve pressa de se emancipar e agora serve a Pátria longe do torrão natal, geme queixas que todas elas dão pelo nome de saudade.

Ei-los:

«Saúde e graças de Deus é o que estes seus filhos lhe desejam ao receber estas tão simples mas muito significativas letrinhas. Tenho a agradecer todo o sacrifício que fez por nós e que neste momento estamos bem e com graça de Deus na nossa casa

do Tojal. Tudo correu da melhor maneira e dentro de dias estamos de regresso ao Norte.

Peça a Deus por nós, para que sejamos amigos um do outro. Lance a sua bênção sobre os nossos corações.

Fernanda e Manuel Fernando».

\*\*\*

«Saudades!

Um pequeno esforço por esquecer tudo e todos nestes dias intensos.

Graças a Deus que acertei com a alegria da minha vocação. Não duvido nem um só momento de que o Pai Celeste me reservara para viver em união com a mulher escolhida — e realizar-me segundo este plano divino.

É bom este estado, porque é santo; é sobrenatural; é difícil. Eu queria encontrar-me com o Deus da minha juventude sem ser na atitude de lacrimante; sempre choroso e de coração palpitante, hesitante. — O que quereis de mim Senhor?

Não! Mas com o coração alegre; pleno de acção de graças; com certeza; com satisfação e vontade. Graças a Deus por esta disposição por que tanto suspirei.

Abraça-o o seu Zé».

\*\*\*

«Senhor Padre e Avô

Tenho o enorme prazer de comunicar a toda essa gentinha daí, que o Ernesto Pinto passa a ser papá E. P.. Foi condecorado com este título, por ter dado um neto à nossa Obra. Era para lhe telefonar, mas... assim também sabe bem. Eu, hoje, como desde o princípio da sua geração, só peço ao Senhor que o fruto do nosso Amor seja sempre d'Ele. E mais nada..., senão pedir-lhe que se una a nós nesta intenção. Hoje, fui dar graças a Deus à nossa Capela, e entreguei-Lho.

Tudo correu bem graças a Ele. Um xi triplo do seu Ernesto que pede a sua bênção paternal para o meu — e seu, porque meu — filho».

\*\*\*

«Só a distância e o tempo nos faz saber porque se sente saudades. Por isso é que lhe escrevo «já» hoje. Hoje que quase como todos os dias estou abatido

Cont. na QUARTA pág.



**N**O Barredo todas as portas estão abertas. A gente passa e vê para dentro. É uma necessidade. Nem suficiente circulação de ar, nenhuma luz, não se cabe em casa.

«A noite puxo este colchão e dormem aqui dois». Eles são oito com os pais. Duas camas. A doença do pai já levou o mais velho para o Caramulo. Uma porta e um postigo muito negro por onde mal entra a luz trouxe sombras negras aos pulmões de ambos. Não pode haver ali horizontes. Há sim o ruído das crianças. Há o dos vizinhos. Há os palavrões que se aprendem ao colo da mãe. Um cubículo estava fechado. Sentia-se alguém lá dentro. A aldeia dá de comer ao homem. A mulher saiu de madrugada para ir lavar peixe a Matozinhos. Só vem à tarde e deixa os filhos fechados. Eles, os mais velhos ao ser dia saltam pela bandeira da porta, sem vidro nem resguardo. Uma vizinha, mãe de oito e muito nova, vai dando estas informações, enquanto abre a porta. Um pequenino, dos seus três anos, sentado na cama, com um brinquedo de borracha, já cansado de brincar nas mãos dos seus filhos e agora triste e tão sujo como ele. Quando entramos, olhou-nos. A minha carícia não correspondeu e quando o pousei desceu da cama e foi virado à porta. Tirem duas letras e ponham em porta um u. Foi o que lhe saiu da boca seca, zangada e severa quando a vizinha lhe pegou pela camisolita que trazia no corpo nú. Não sabe dizer «mãe» aquela criança. Não conhece a alegria nem o amor de ninguém, porque decerto nunca o sentiu ou viu no olhar da mãe. Queria sair para o corredor, vir para a rua. Respirar o ar sem a porta fechada. A liberdade. Sair da prisão. Sair da prisão! É isto mesmo. O

Barredo é uma prisão. Prisão à doença; prisão à fome; prisão à vida que não acaba e é tão negra como as escadas que levam à prisão do cubículo onde habitam. Ela mora entre uma janela e uma porta. Não há perigos de corrente de ar porque a janela nunca se abre ou até nunca se abriu.

Os olhos não medem mais que metro e meio, por três de comprido. Está aqui o quarto de dormir, a cozinha e a sala de receber.

Há quanto tempo está aqui o Senhor Vitorino! Há quanto lhe tiraram o braço e a perna: onze, doze... E estará tantos quantos Deus lhe der! Mora numa sobreloja de metro e meio de alto se tanto. Custa

Por

P.e JOSÉ MARIA

muito a subir e custa mais a estar. Só sentado à borda da cama. São mais três, mas só o Senhor Vitorino está sempre. Os outros trabalham e vêm só à noite. Onde comem, onde trabalham, onde passam o tempo? Só o Senhor Vitorino ali. «Vai-se entretendo a ler alguma coisa?» «Quais ler. Nunca soube. Tenho aqui para ocupar o tempo». E pegou no terço! A serenidade com que o disse, a prontidão da resposta fizeram-me estremecer.

«Lugar de mártires, de heróis e de santos». Onze, doze anos, sem sair da cama, sem se pôr em pé. Sem ninguém que o acompanhe! Só, todo o dia, com o seu terço. A mastigar palavrões da rua com Avé-Marias, a incensar o Infinito com o mau cheiro do buraco, o mau cheiro da rua. Barredo, terra de Santos! Como me senti pequenino. O coração apertou-se-me e fiquei calado. Apetecia-me calar para sempre.

Não sou digno de viver. Só os heróis!

Visado pela

Comissão de Censura

# ORDINS

Este lugar da freguesia de Lagares é pobre: cerca de 90 fogos. Junto a Ribas, que lhe fica próximo, perfaz o número de 500 pessoas, aproximadamente.

No geral, amanhã pequenas terras onde falta a água.

Vida pobre a desta gente! Para o serem menos, e assim um pouco mais felizes, eles precisam do vosso auxílio. Ora o cristão verdadeiro é aquele que escuta a voz do Senhor e a põe em prática.

Não ouvís o Senhor Jesus a pedir-vos que venhais em auxílio destes seus e vossos irmãos?: «O que fizeres a um destes pequeninos é a Mim que o fazes».

É tão fácil! Os Pobres de Ordins pedem-vos trabalho, não esmola. Encomendai-lhes chales, camisolas, cobertores, cobertas, tapetes, pegas... Estão muitas peças já feitas. Enviam-se, logo que cheguem os pedidos.

Vem aí o Natal. O Salvador espera que Lhe queirais dar a maior alegria que espera de vós: o pôrdes em prática a vossa Fé n'Ele; senão é morta.

Agasalhai os Pobres. E vós não precisais de qualquer peça das que fabricamos?

PADRE VIEIRA

P. S. — Como os nossos Amigos gostam de saber da saída dos nossos trabalhos, aqui vai a notícia de algumas localidades para onde foram enviados: Avieiras de Cima, uma colcha em tricôt de lã — «Fiquei satisfeita». Temos outra igual, quem a deseja? Elvas, dois tapetes; Eixo, dois casacos de criança e dois tapetes; Marinha Grande, 22 pegas; Beira, dois chales e uma colcha de berço — «Gostei dos trabalhos encomendados, quando de novo precisar, baterei à v/ porta»; Algés, um chale; Eirol, um chale; Funchal-Madeira, cinco deles; Olho Marinho, 8 pegas; Porto, 4 chales e 2 capas; Lisboa, 6 chales, mantas de vários tamanhos, carpetes, jogos de rafia etc..

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

# Passos falsos

Eu estava na oficina. Ao findar a manhã aparece um dos nossos pequeninos com recado: «está aqui um homem que lhe quer falar». O nosso pequeno foi e o homem apresentou-se.

Alguns de nós, recordamos-nos ainda do Júlio Gomes, que foi da nossa Casa de Paço de Sousa. Inteligente, foi muito tempo maioral. Num dado momento, o Júlio Gomes esqueceu que o seu lugar — de comando — tinha que ser exercido em exemplo. O seu posto de chefe era uma responsabilidade. Como todos nós, ele tinha toda a liberdade. Com a liberdade que tinha, construiu um mundo a seu modo, e com o lugar que ocupava, foi fervendo na sua consciência o álcool que mais tarde havia de o embriegar. Esqueceu que tinha de mostrar a sua personalidade, através do exemplo.

Já lá vão uns largos anos. O sofrimento e as privações por que tem passado mostram o rosto sofrido dum outro Júlio Gomes.

Tive pena deste irmão, e lembrei-me uma parte do que

passei. Pensei nos nossos rapazes que têm saído julgando-se capazes de seguirem sózinhos o caminho da vida. É precisamente na idade mais carecida de amparo, que tantos de vós pensam ir embora. Fugi da tentação quando vos vier essa ideia. Fugi de vos perderdes, pensando que ides para uma vida fácil. Não penseis que a liberdade é seguir o que o instinto manda. A **Liberdade**, é nós instruímos-nos naquilo que a razão manda fazer. E isto, é nós dilatar-mos o nosso esforço, e habituarmos-nos a ver as coisas tal e qual elas são, e não com fantasias.

Aquilo que hoje vos dizemos em palavras, vós haveis de saborear um dia — quando homens — em factos.

Quanto não daria da sua vida o Júlio Gomes, e outros, para voltarem atrás a seguir o que a «Mãe Obra» diz. Acautelai-vos, pois, com o que não é razão. Consulta a tua consciência, e vai aonde ela te leva.

Liberdade, é nós realizarmos o que a consciência nos dita.

ERNESTO PINTO

Cont. da PRIMEIRA página

Paço de Sousa, impossível. Pai Américo nem sabia que fazer... A insistência de Júlio foi que lhe gerou a ideia do Lar..., dos Lares, podemos dizê-lo.

Surgiu aquela casa. Era da Misericórdia. É curioso, que sendo de formação bem diversa o Provedor de então, Pai Américo achou-o de coração aberto, tanto quanto eu achei o Provedor de agora ao tratar da compra. Firmou-se contrato. Era o Outono de 1944. Só na Primavera seguinte o Lar poderia abrir, mas Pai Américo não hesitou, não fôsse a casa fugir-lhe.

Desde então quantas gerações de rapazes por lá passaram! Há-os pais de famílias; outros solteiros; há-os operários, um professor primário; deles que trabalham em África, no Brasil, na Inglaterra e em França. Há-os que desperdiçaram os seus talentos próprios e os dons de oportunidade que o Senhor lhes deu — e não deram nada de jeito. Há de tudo, como acontece nas famílias numerosas mesmo à dimensão normal — e com quanto mais razão nesta famí-



lia tamanha que é a maior de Portugal!

De tudo isso me lembrei na jornada familiar deste 23 de Outubro. Quem me dera que os habitantes daquele Lar —

Mais uma perspectiva do Lar. Janelas rasgadas, rinquim de patinagem — um encanto!

## O LAR DO PORTO

os de hoje e os de amanhã e até os de ontem — meditassem na paixão que ardia no peito de Pai Américo ao começar, sabendo os riscos de muita espécie que ia correr e aventurando-se, apesar de tudo, para dar voo aos que tivessem asas! «Um só que salvasse... e valeria a pena. Mas eles são tantos, tantos...!»

O mesmo desejo esteve e está no nosso coração ao renovar aquela casa. Ela é muito boa mas tinha as faces envelhecidas. As obras que se fizeram, lavaram-na, rejuvenesceram-na. Onde era castanho queimado pelo fumo é agora cor de pérola ou a brancura de azulejos. Está linda! É acolhedora! E é isso mesmo que queremos: que ali se sintam bem os nossos que lá moram; e lá aprendam a projectar e a estimar o futuro ninho que eles mesmos hão-de construir na sequência da sua vocação.

to. Carolina do Luso com 500\$. De Rebordosa, cobertores e roupa usada. De Matozinhos 220\$. De Barroselas cem. Do Porto 500\$ duma Professora de Liceu. E do Porto ainda Elvira quis ofertar cama completa para o novo pavilhão. Ele foi tudo quanto era necessário. E de pertinho de nós tem vindo muita fruta. São Amigos a quem não é preciso pedir. E deste modo sabe bem melhor receber, e vale muito mais o dar, a quem deu.

PADRE BAPTISTA

Foi isso que dissemos aos rapazes e ao Senhor durante a Missa celebrada no nosso oratório, tão jeitoso que ficou.

Depois desta acção de graças, todos (até os que já o fizéramos) visitámos tudo. Todos os cantos. Até os ainda vazios de recheio. Tudo. A capota.



Aqui é a corte dos porcos, o galinheiro e a cozinha do forno. Por cima, uma varanda muito jeitosa.

eira das galinhas e a corte dos porcos e a cozinha dos ditos, com a sua lareira para fumar chouriços e o seu forno para cozer o pão. Ali é um Lar. Um Lar português e pobre. Que bom se fossem assim todos os lares portugueses, todos os lares do mundo!

Depois almoçámos, conversámos, lembrámos Amigos ausentes que o orgulho dos homens forçou à ausência.

E... — era dia de trabalho — cada qual desandou à sua vida.

Cont. da PRIMEIRA página mais nos apraz (e tantas vezes o que mais nos agrada é o que mais nos esvazia!) não reparamos sequer na ausência do bem que havíamos de realizar e que seria o enriquecimento da vida, de tantas vidas vazias!

É cruel comentar, sim. Mas custa manter a serenidade e a Paz, quando se dá com Cristo em pleno abandono. É bem difícil calarmo-nos, sem lhe perguntar: — Porque estás aqui, Senhor?

Mas Ele não deseja a revolta, nem quer que atiremos pedras. Anseia pela Paz entre os homens. Paz alicerçada no Amor. E nós calamo-nos, às vezes com vontade de gritar bem alto por justiça. Mas esta não é da nossa conta. Só nos compete amar. Foi o Amor que o Senhor semeou na Terra e só em tal clima quer que vivamos, nós os Seus filhos.

Venci-me. Peguei em silêncio na pobre enferma. E coloquei-a com muito carinho no Calvário. Mas fiquei sem saber porque quis Cristo viver aquelas semanas tão só numa barraca! E para que Ele não voltasse lá mandei-a queimar.

Eis as presenças de amigos a quem o Senhor pediu um pouco de si mesmos.

Humilde portuense com cem todos os meses. Engenheiro do Porto com largos metros de pergamoide para resguardos. Senhor do Porto também com 300\$ em horas de inquietação. Senhora de Lisboa com 50\$. Visitas com parcelas de todos os tamanhos. Um visitante, que eu não cheguei a fixar bem, com oito mil escudos, e que são 10% da sua gratificação anual. Dirás: — Que gratificação! Sim. Mas há outros



com muito mais e com muito menos, e que nunca põem de parte o quinhão dos Pobres! Visitantes de Angola com cem. Pecador com 60\$. Julieta pede sufrágio. Maria Manuela continua constante com cem mensais. Pecadora ignorante com metade. Aos 29, aos 30, aos 31 meses do neto continua o avô a ser aqui presente com 50\$.

O Jornal «A Voz» angariou 7.910\$ em resposta ao apelo dum velho Amigo do Porto. Portuense qualquer vem com os costumedos 40\$. Idalina da capital com cem. Maria Amélia com metade.

Comerciante de Paredes do Douro com cinco mil escudos e o desejo que ninguém o soubesse.

Senhora de Lisboa antes de partir para férias manda 500\$, «a minha participação no verão dos Pobres». Sacerdote com 70\$00. Doente para doentes foi chamado pelo Senhor ao encontro dos que lá temos. Mas «eu, sua mulher, vou continuar a enviar o mesmo

óbulo». Eis um sintoma de como foram amigos em vida, pois conseguiram encontrar-se no mesmo amor dos Pobres. Maria do Carmo com 400\$. Modista do Porto com cem. Maria Elvira com 300\$. Brasileiro Amigo com 500\$. Médica dos arredores do Porto com 500\$ também. Sacerdote com 100\$. P.e Horácio com 1.000\$ dum casal de Coimbra, e 500\$00 dum peditário. Senhor de Valadares com outro tanto. Casal de Lisboa ainda com 500\$. E senhora da capital com mil. Anónimo com 800\$. Senhora de Lisboa com 220\$. Outra do Porto com 510\$. Entra, entrega e parte. As coisas grandes são sempre demasiado simples. Duas irmãs com lençóis. Helena de Lisboa, discreta, mas apaixonada por isto vem com 2.500\$ que tinha guardados numa gaveta. Berta, também da capital com 300\$. Lídia com 40\$. Visitante com 500\$ e alguma roupa. Outro visitante da capital com a família entrega mil.

Prô Calvário cem. Por alma de Maria outro tanto. Para os irmãos que me ajudam a subir o Calvário da vida 20\$.

Donativos entregues no Montepio de Lisboa somam 7.510\$. Estiveram ali Rosalina, B. M. T., Tripeira, E. M. H. F., Pecadores, assinantes e outros. Festejando o aniversário alguém envia 50\$. Carta com 200\$. Oferta com 50\$. Em regresso de viagem a França família de Lisboa passa por aqui e deixa 200\$. O avô torna. O neto vai em dois anos e meio. Em vésperas de assunto sério a resolver, senhor do Porto apresenta-se com 300\$.

Em Cantanhede 100\$. De Lisboa 50\$. Da Quinta das Camélias 300\$. De Oliveira do Douro 210\$. Óbulo por alma de Rober-

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

# PELAS CASAS DO GAIATO



## SETUBAL

Uma hora da noite. Senhor Padre Acílio não está, Vilhena anda a tirar a carta de condução e foi dormir. Eu tinha saído e cheguei a esta hora. Luzes acesas, janelas e portas abertas. Isto é a Casa do Gaiato.

S. MIGUEL vistoso. Eu nem sei o porquê deste S. Miguel tão rápido e alegre! Vós não sabeis quanto de trabalhoso é o arroz apetitoso da nossa mesa. Nós que o cultivamos, sabemos e apreciamos seu gosto. Depois da lavra, o que não fica barato, vem a plantação. São 6 contos por semana. Isto durante 2 meses. Depois vem a monda. Outro dinheiro que damos a ganhar — porque o pão é obra de esforço e se não houver quem dê o pão a ganhar ai dos que vivem do «pão nosso de cada dia!» — Quantas vezes se não precisa de pessoa para a cultura, mas a exigência dos que procuram ganhar honestamente o seu pão, obriga-nos a receber, e a fazer com 20, o que podíamos fazer com 15.

Ontem fui à mercearia fazer as compras da «minha» casa e ouvi lamúrias de parte a parte:

O merceiro porque não pode vender mais barato, porque a «tabela» não dá lucro; o que vai comprar — quase sempre fiado, — diz que está sempre a descer a toda a gente, que não ganha o suficiente, para comer mais os seus.

Hoje, fui ter com um lavrador, por via de pagar o aluguer dos bois que vieram fazer serviço à nossa Casa. O mesmo descontentamento: «Nós não produzimos o arroz, porque há desnível entre os que trabalham e os que ganham sem esforço».

Não sei bem até que ponto há ou não razão neste queixume. O que sei,

e isto a fundo, porque tenho sido instruído com a própria experiência, é que há gente que precisa de pão, e não o tem, porque a agricultura vai diminuindo, e tudo foge dela, sem sequer reparar na fonte de riqueza que daí provem.

Quem olha bem a fundo, e remedeia, e cultiva com estímulo este grande problema agrícola?

Depois da monda, é a água permanente nos arrozais. Isto é feito pelos nossos rapazes maiores: levantam-se 3 vezes na noite, para irem ligar e reparar os motores. Custa, é esforço, é descanso perdido. Se soubesses o que isto custa, saboreavas melhor o arroz!...

Depois é a ceifa e a debulha. Outro serviço para nós. Canseiras, mais esforço: Os nossos rapazes cumpriram!

Todos se esforçaram, desde o «Batata» ao maior. Eles compreendem que a Obra é nossa, e que se não somos nós a colher o arroz, lá se vão as canseiras da agricultura!

Foram três semanas de labuta canseirosa. No fim, houve festa, festa rija. Batatas com bacalhau, arroz doce — para saborear o esforço — e a água — pé da nossa vinha. Que bom o sabor do «arroz doce» depois de tanta canseira!

Este arroz doce, é o estímulo dos que trabalhosamente cavam e produzem o nosso alimento.

Quem vê aqui fundo de meditação, para cultivar consciências em Justiça e Harmonia?

**BEBÉ** — Já veio pra casa. Desde o mais pequenino ao maior, saboreamos o regresso do nosso «Bébé». Ele estava no hospital... e quem que não chore o «filhinho» doente? O Bébé é tão nosso, que até o Leão — o nosso cão — o anima, deixando que o menino ande no seu dorso.

Ó alegria!

Ernesto Pinto

## Lar de Coimbra

O ano lectivo começou, e duma maneira agradável. Todos estamos ocupados até às 10 h. da noite. De dia nos empregos e à noite nas aulas. O José Manuel, até há pouco chefe de Miranda, veio para Coimbra especializar-se um pouco mais em Marcenaria e estudar o 2.º ano Ind.; o Fernando por doença teve que abandonar o serviço. Mas como tem muita vontade de estudar passou para o colégio estudar de dia no 1.º ciclo e à noite no 2.º ciclo secção de ciências. Que saiba triunfar. O Pinto frequenta o 3.º ano Ind. e tem dado boa conta; Jorge, Correio, Tripeiro, Sissi e Carlos, um pouco atrasados, frequentam o 2.º ano. Veremos os resultados finais. O Zé-zito frequenta o 1.º; eu o 4.º Com. O Caneco anda no 6.º liceal; o Rocha, nosso cozinheiro, estuda de noite no Colégio Pedro Nunes e tem o 2.º ciclo à sua frente; Satélite 1.º e o Manuel que, veio de Paço de Sousa, frequenta o 1.º ano. Como estão livres à noite são eles que têm de arrumar a cozinha e a sala.

Como vêm tudo estuda embora com bastante dificuldade porque, além de estarmos ocupados, não há livros para todos, nem material escolar necessário.

De tudo necessitamos: livros, cadernos, lápis, borrachas, estojos, e outro material de desenhos, etc. Aqui fica o nosso apelo. Desde já ficamos muito reconhecidos.

Joaquim

## PAÇO DE SOUSA

**PARTIRAM**, acompanhados por um grupo de rapazes, os nossos Senhores P.es Manuel e Telmo, respectivamente para Benguela e Malanje.

A eles coube a difícil missão de fundar as futuras Casas do Gaiato angolanas.

A nossa despedida começou logo de manhãzinha, aos pés do Altar.

A capela estava repleta de Rapazes e muitos visitantes. A Homilia, Senhor P.e Manuel falou principalmente da ida para Angola.

Se nós vamos para Angola, vamos como soldados de Cristo, e Ele como General. Vamos não só para continuar a Obra da Rua, mas também para dar testemunho do que realmente ela vale. Vamos para essa Angola que nos espera de braços abertos. Sabemos as dificuldades que se nos hão-de deparar, e por isso partimos com Fé e Confiança no Senhor.

Terminado o Santo Sacrifício da Missa fomos para o refeitório tomar o pequeno almoço. Após este, realizou-se no nosso campo de jogos um amigável desafio de futebol entre os que partiam e os que ficavam.

Não obstante a superioridade do adversário, os futuros fundadores das nossas Casas angolanas, defenderam-se com valentia não deixando ir mais além o resultado de 4-2 a favor dos que cá ficam.

Alinharam e marcaram: Paço de Sousa, — João, Jaime, Bernardino e Cerqueira; Nequita e Chico; Lindoso, Domingos, Nadais, Oliveira e Vasco.

Angolanos — Cobra, Nelo, Mineiro e Pastor; P.e Telmo e P.e Manuel; Melo, Humberto, Américo Cupa e Chico de Braga.

Marcaram pelos vencedores, Cerqueira(1) Domingos (2) e Nadais (1). Pelos vencidos marcaram, Melo e Humberto.

Da equipa dos Angolanos, só o Américo mai-lo Humberto não partiram para Angola.

O primeiro, senão houver precalço algum, casará em Março e depois partirá. O segundo, obtendo o curso de enfermagem, que anda a tirar no Porto, também seguirá para Angola.

Num ambiente de verdadeira

alegria, e ao mesmo tempo de tristeza, realizou-se à noite no nosso refeitório o jantar de despedida. Ambiente alegre, porque vão continuar a Obra em África. Ambiente de tristeza, porque iamos ficar sem os nossos muito queridos amigos P.es Manuel e Telmo, bem assim como todos os nossos colegas que os acompanham na espinhosa missão.

Terminou a refeição, Américo levanta-se e pede silêncio. Um a um e cada qual com o seu pequeno discurso, falaram representantes dos vários officios e casas.

Todos, e em conjunto, desejámos aos nossos irmãos que partem para terras de além mar, as maiores bênçãos de Deus, e que o Espírito Santo os acompanhe e ilumine.

No dia seguinte logo de manhã,

reunimo-nos de novo aos pés do Altar. Era a última Missa que eles iam celebrar para a comunidade. Pois daí a poucos momentos partiam para Lisboa e dali para Angola.

Na hora da partida todos nós nos abeiramos ao lado da garagem para lhes dizermos o último adeus.

Naquele momento só se viam lágrimas no rosto de todos quantos ali se encontravam, pois que o momento era deveras comovedor. Mas ao mesmo tempo triunfantes. Triunfantes, sim. Porque de entre todos, aqueles que foram escolhidos, devem-se sentir orgulhosos da missão que lhes foi confiada. A Obra da Rua é muito grande, mas também muito espinhosa. E por isso há que elevá-la o mais alto possível.

Fausto Teixeira

# Aqui Lisboa

Todos os dias nos chegam pedidos dos mais variados sítios no sentido de receber rapazes, por carta, pelo telefone e pessoalmente. Ora, se ficamos com o coração dilacerado por não podermos valer aos casos que nos apontam, dignos de atenção sem dúvida, pelo menos na maioria, o que também é certo, é que temos na nossa casa do Tojal cerca de cento e vinte rapazes, excedendo de longe a sua capacidade e trazendo a quem tem de arcar a responsabilidade, problemas humanamente insolúveis.

Pedimos desculpa a todos aqueles que se nos dirigem e não obtêm resposta, o que não representa da nossa parte menos consideração ou interesse. Numa casa onde não existe secretarias ou pessoal burocrático, tem de acontecer assim, mas, podem estar certos que não ficamos com certas vagas à espera de verba...

Na impossibilidade de a todos podermos valer, temos de nos debruçar sobre os rapazes que nos estão confiados, dedicando-lhes o máximo da nossa atenção, procurando resolver as suas dificuldades, corrigir as suas taras ou defeitos e encaminhando a todos para um objectivo final: recuperar aqueles que, porventura, se tenham extraviado e formar homens, mas homens cristãos.

Não é pequena a tarefa nem são estranhas as desilusões.

Se é certo que os problemas morais e espirituais dos nossos rapazes são aqueles que de longe mais nos preocupam, não podemos deixar de frisar, todavia, que Lisboa e o Sul do País em geral, parecem muitas vezes desconhecer que a cerca

de 20 Km da capital existe uma Casa do Gaiato em que, humilde mas tenazmente, se procura valorizar uma «massa humana» desfavorecida ou pelo abandono a que a sociedade, apesar de tantas vezes se dizer cristã, cobardemente relegou para plano secundário.

Podemos falar com a autoridade de quem vê e apalpa o âmago da questão da criança abandonada. Se trabalhamos por amor de Deus e da criança, consequentemente também o fazemos por amor dos homens em geral e, portanto, da Sociedade em que nos inserimos. Pedir é, pois, o nosso dever mas também um direito: as almas e os corpos que nos estão confiados clamam antes da Caridade pela virtude da Justiça. Formando homens, enriquecemos a Sociedade e defendemo-la da acção perniciososa dos valores mortos ou negativos.

Aos lisboetas, em particular, cabe a grande responsabilidade de encaminhar e ajudar a Casa do Gaiato de Lisboa. Temos Amigos e dos bons, graças a Deus, mas necessitamos de mais. A educação moral e espiritual e a formação profissional dos nossos rapazes não se pode fazer com vento. Dando todos as mãos, a Providência há-de ajudar-nos a realizar obra válida.

**P. S.** — Quando escrevia estas linhas ouvi ao lado: «Olhe, Senhor Padre, ponha lá no jornal que precisamos de um bilhar livre para ocupar as horas de ócio». Achei graça ao termo e aqui vai o pedido. Não me deixem ficar mal.

Padre Luiz

## Correspondência de Família

Cont. da SEGUNDA página e cansado, sem vontade nem gosto que não seja para me pôr inconsciente. Nem dormir sabe bem porque quando se dorme duas horas seguidas é dia de festa.

Gostei muito do que me dizia em sua carta no que respeita à nossa Casa. Mas não gostei da tristeza que toda ela mostrava. Foi apenas o facto de ser a mim que escrevia que lhe ditou aquelas frases rápidas, tristes, sem conforto e quase sem amizade; ou era seu estado de espírito que não deixou fazer mais? Eu sei que sofre muito. Porque eu fugi. Porque outros fugiram e porque outros irão fugir amanhã. Sei que sofre. A sua arte é essa, ou pelo menos um lado dela. Creio que já não sou o Zé piegas de ontem mas custa-me ver como escreve a outros. Custa-me que Senhor P.e Acílio não me responda. Custa-me que Senhor P.e Zé Maria não me responda. Quero deixar mais dinheiro mas não sei se o documento que lhe deixei está em ordem. Agradeço que em podendo soubesse dele se recebo o que deixei. Nessa altura não autorizavam mais e agora que sim, não quero perder a oportunidade de juntar uns cobres. Baptista já cá está. Se lhe

acontece como a mim, que já perdi onze quilos, pouco mais lhe fica que a farda. Serafim esteve no hospital e regressou. Zé Lemos regressou também. E Fernando anda lá e cá. Eu corro tudo e de vez em quando durmo aqui. Quando estou na cidade faço serviço de condutor. O que quer dizer que não posso descansar. Se um carro tem um furo, é o Gomes; se precisa de óleo é o Gomes; se apanhou uma amaçadela é o Gomes; enfim! Qualquer dia nem a alma se me aproveita. Não me chega o tempo para pensar naqueles velhos problemas que tanto preciso de aprofundar e resolver.

Sei que Matrimónio não é palavra vã por esses lados. Como não sei onde está «Sediolos» peço-lhe que entregue o que lhe vou escrever. Fernando Dias que seja feliz. Zé do Porto que tenha cuidado e seja feliz. Senhor P.e Manuel faz muita falta com sua «troupe» agrícola cá na Guiné. Extasiava. Gostava de me encontrar com o Abel de Miranda. O nosso jornal ainda não apareceu desde que cheguei. É ver isso. As máquinas do Tojal, de Setúbal e de Paço de Sousa? Farei muito de o abraçar cá. Faça por isso. Saudades para todos e um abraço do

Zé Gomes».

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes